



25 DE ABRIL, SEMPRE
PARTE II. A DISTÂNCIA DAS COISAS

cinemateca
15 - 30 maio 2014

25 DE ABRIL, SEMPRE

PARTE II. A DISTÂNCIA DAS COISAS



Se a Parte I do Ciclo “25 de Abril, Sempre”, designada “O Movimento das Coisas”, se centrou essencialmente no cinema documental realizado durante o período revolucionário, esta segunda parte invoca a “Distância das Coisas” num duplo sentido: o distanciamento imposto por toda a ficção, ao trabalhar sobre questões ou imagens associadas à revolução; mas também a distância temporal convocada por todos aqueles filmes realizados muitos anos depois, que implicam uma memória mais longínqua da revolução e regressam aos acontecimentos de 1974-

76 recorrendo a arquivos, entrevistas e testemunhos, ou reencenando episódios passados. É assim sobre um intervalo temporal mais dilatado que se constrói este núcleo do Programa, que se divide entre os “Primeiros Ecos na Ficção” e um trabalho posterior sobre a “Memória de Abril”.

Não se trata de um capítulo construído em torno da resistência à ditadura ou da guerra colonial (que estão no centro de tantos filmes e que exigem outros Ciclos), mas do retrato e da reflexão sobre as transformações ocorridas no

período pós-revolucionário e sobre o Portugal que imediatamente lhe sucedeu. Curiosamente, grande parte das primeiras ficções aqui reunidas são já fruto da ressaca, revelando um país triste e conformado após a euforia inicial. Mas as dúvidas, as vitórias e as deceções são abordadas por cineastas que não só trabalham em cima do momento, como voltam mais tarde à revolução, reinterrogando-a.

Regressar “sempre” ao 25 de abril é também anular a “distância das coisas” convocada para o título. É o que fazem todos estes filmes e que está bem presente na prática dos realizadores mais novos que, participando da “filmografia de abril”, simultaneamente representam, mas também atualizam e tornam mais presente a revolução.

PRIMEIROS ECOS NA FICÇÃO

NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR

de Manoel de Oliveira

com Luís Miguel Cintra, Diogo Dória, Miguel Guilherme, Luís Lucas, Carlos Gomes, António Sequeira Lopes

Portugal, 1990 - 108 min | M/12

A História de Portugal vista à luz das suas derrotas, contada pelo Alferes Cabrita aos homens da sua companhia em plena guerra colonial. Ou um filme sobre militares em guerra que evocam momentos de história, e que termina com a morte do Alferes Cabrita no dia 25 de abril de 1974. Um

filme essencial sobre os “Non” da História de Portugal. NON é palavra buscada ao Padre António Vieira, que a chamava “terrível palavra”. Prémio Especial do Júri em Cannes.

Qui. [15] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

TRABALHAR A MEMÓRIA DE ABRIL

NATUREZA MORTA – VISAGES D’UNE DICTATURE

de Susana de Sousa Dias

Portugal, França, 2005 - 72 min | M/6

Neste seu (multipremiado) filme, mergulhando nos arquivos do Estado Novo, Susana de Sousa Dias trabalhou exclusivamente imagens de arquivo filmadas entre 1926 a 1974, os 48 anos da ditadura portuguesa, cujos “aspectos” aqui se revelam a partir de imagens de atualidades, documentários de propaganda, fotografias de presos políticos e material inédito não montado, dos discursos político e eclesástico como suporte do regime, das realidades dos prisioneiros políticos, da repressão, do exército e da guerra colonial. Atravessando o período do Estado Novo, NATUREZA MORTA culmina com importantes imagens da revolução de abril, pelo que, à semelhança de NON, é aqui convocado a título de prólogo desta segunda parte do Ciclo. NATUREZA MORTA é uma reflexão sobre todas estas imagens, olhadas em slow motion, ao mesmo tempo que antecipa 48, exibido também este mês na Cinemateca. A banda sonora é musical, assinada por António de Sousa Dias.

Qui. [15] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

SE A MEMÓRIA EXISTE

de João Botelho

Portugal, 1999 - 25 min

UM ADEUS PORTUGUÊS

de João Botelho

com Ruy Furtado, Isabel de Castro, Maria Cabral, Fernando Heitor, Cristina Hauser, João Perry

Portugal, 1986 - 85 min

duração total da sessão: 100 min | M/12

com a presença de João Botelho

Dois filmes de João Botelho separados por mais de dez anos que evocam a revolução de abril a uma certa distância. SE A MEMÓRIA EXISTE esteve presente no Festival de Veneza e conta com o testemunho de vários capitães de abril e outras figuras implicadas na revolução dos cravos. Estes emprestam a sua memória a uma menina que descobre o que foi a revolução. UM ADEUS PORTUGUÊS aborda os efeitos da guerra colonial nos portugueses e desenvolve-se como uma reflexão sobre o tempo presente. Estas marcas são dadas pela ausência de um soldado morto na guerra, através de um reencontro familiar doze anos passados sobre a sua morte. Por detrás da cortesia, as personagens nada têm a dizer umas às outras. Com sequências a preto e branco da África portuguesa em 1973 e sequências a cores de Portugal em 1985, a segunda longa-metragem de João Botelho é uma história de guerra e uma história de resignação e fatalismo. A citação inicial que antecipa a impressão de um país amargurado é de Alexandre O'Neill: "A esta pequena dor à portuguesa / tão mansa quase vegetal".

SE A MEMÓRIA EXISTE é uma primeira exibição na Cinemateca.

Sex. [16] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

TRABALHAR A MEMÓRIA DE ABRIL

ENTREVISTA A ROBERT KRAMER

de Sérgio Tréfaut

Portugal, 1998 - 35 min

OUTRO PAÍS

de Sérgio Tréfaut

Portugal, 1998 - 70 min

duração total da sessão: 105 min | M/12

com a presença de Sérgio Tréfaut

Composto a partir de imagens de arquivo de autores estrangeiros captadas e filmadas em Portugal por altura dos revolucionários anos de abril de 1974 e 1975, OUTRO PAÍS é o primeiro filme documental de Sérgio Tréfaut, que o apresentou na Cinemateca em 1999 assim: "Voluntária ou involuntariamente, o meu objetivo foi desmentir - através dos filmes, das fotografias e dos depoimentos - a versão hoje banalizada da História, que reduz dois anos de revolução ao golpe militar de 25 de abril e que transforma o protagonismo de toda uma população ao rubro no elogio de dois ou três militares." A abrir a sessão, uma entrevista com Robert Kramer realizada por Tréfaut no âmbito de OUTRO PAÍS, aqui apresentada na sua integralidade.

Sex. [16] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

PRIMEIROS ECOS NA FICÇÃO

A SANTA ALIANÇA

de Eduardo Geadá

com Io Apolloni, Lia Gama, Henrique Viana, Helena Isabel

Portugal, 1977 - 119 min | M/12

Terceira longa-metragem de ficção de

Eduardo Geadá, depois de SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL e O FUNERAL DO PATRÃO, A SANTA ALIANÇA centra-se na história de uma família de financeiros influentes no período imediatamente posterior à revolução de abril de 1974. A fotografia é de Manuel Costa e Silva, a música e canções de Pedro Osório e os diálogos de Manuel Machado da Luz, com Gonçalves Preto e Eduardo Geadá. Exibido na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes em 1978.

Sáb. [17] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

PRIMEIROS ECOS NA FICÇÃO

OS DEMÓNIOS DE ALCÁCER-KIBIR

de José Fonseca e Costa

com António Beringela, Ana Zanatti, Zita Duarte, Sérgio Godinho, Luís Barradas, João Guedes, Artur Semedo
Portugal, 1975 - 88 min | M/12

O percurso de uma pequena companhia teatral pelo Alentejo em vésperas do 25 de abril, percorrido por uma série de símbolos da repressão e revolução que anunciam o fim da ditadura. José Fonseca e Costa devolve-nos a imagem de um país que mergulha num passado recente e nos fantasmas do inconsciente nacional. Segundo escreveu Eduardo Prado Coelho, "abre-se aqui uma outra teoria onde aproximadamente se proclama que a liberdade se conquista sempre onde o real tal-qual-é se fende e o imaginário se nos propõe". Apresentado em Cannes na Quinzena dos Realizadores, teve estreia comercial em Portugal em 1977. Canções de Sérgio Godinho, que tem aqui a sua estreia como ator no cinema português.

Sáb. [17] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

AMANHÃ

de Solveig Nordlund

com Luís Simões, Carla Bolito, João Saboga

Portugal, 2004 - 14 min

DINA E DJANGO

de Solveig Nordlund

com Maria Santiago, Luís Lucas, Manuela de Freitas, Sínde Filipe, João Perry

Portugal, 1981 - 76 min

duração total da sessão: 90 min | M/12

com a presença de Solveig Nordlund

Duas ficções de Solveig Nordlund com o 25 de abril de 1974 por horizonte, separadas por muitos anos. A realizadora apresenta AMANHÃ: "Nuno, um rapaz de nove anos, foge de casa na noite de 24 de abril de 1974. Esconde-se num grande edifício que está a ser abandonado à pressa. Só fica ele com um cão de guarda. Acordam de manhã com gritos vindos da rua". A revolução de 1974 é também o pano de fundo de DINA E DJANGO, em que os dois jovens heróis, dominados por frases de literatura de cordel, vivem uma paixão curta e fatal que deixa atrás de si o trágico rasto de um crime. Baseado num acontecimento verídico, DINA E DJANGO foi o único filme interpretado por Maria Santiago, muito devendo à força da sua presença. Um romance nada convencional cuja história se cruza com a história da revolução e com as suas imagens. À semelhança de A LEI DA TERRA e de outros filmes de Solveig Nordlund desse período, DINA E DJANGO é uma produção do Grupo Zero.

Seg. [19] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

A NOITE DO GOLPE DE ESTADO

de Ginette Lavigne

com Otelo Saraiva de Carvalho

Portugal, França 2001 – 52 min

REPÚBLICA: JOURNAL DU PEUPLE / O CASO REPÚBLICA

de Ginette Lavigne

França, Bélgica, Portugal 1998 – 55 min

duração total da sessão: 107 min | M/12

com a presença de Ginette Lavigne

Ginette Lavigne registou numa série de conversas com Otelo Saraiva de Carvalho a memória viva da crónica dos acontecimentos ocorridos entre dias 24 e 25 de abril de 1974. Um documento sobre a História, como “história”, capaz de repensar a clássica subordinação da palavra em relação à imagem (designadamente as imagens de arquivo) na prática documental. Na linha do espírito revolucionário do pós-25 de abril, com as ocupações de terras, casas e fábricas, em nome do poder popular, REPÚBLICA é um filme que, mais de vinte anos depois, reúne as vozes de alguns dos “atores” do chamado “Caso República”, que correspondeu à ocupação do jornal diário República pela comissão de trabalhadores, em maio de 1975. REPÚBLICA é uma primeira exibição na Cinemateca.

Seg. [19] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro**NO JARDIM DO MUNDO**

de Maya Rosa

Portugal, 2004 - 67 min | M/6

“Na imensa planície alentejana, sulcada por estradas novas e transtornada por grandes obras, homens e mulheres, antigos trabalhadores agrícolas desfrutados pelos

lavradores de antigamente, confidenciam quanto a vida deles mudou. Lembram-se das condições de miséria às quais eram sujeitos antes do 25 de abril. O trabalho que faziam nos campos do nascer ao pôr do sol não chegava a alimentá-los. Só a fome, a poesia e o sol lhes pertenciam.” Estas são as palavras que têm descrito NO JARDIM DO MUNDO, singular documentário de Maya Rosa, em que ressoam os ecos dos tempos agitados da reforma agrária e dos tempos que a antecederam. Um filme que conquistou muita atenção ao nível nacional e internacional, sendo esta uma oportunidade para uma primeira exibição na Cinemateca.

Ter. [20] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro**LINHA VERMELHA**

de José Filipe Costa

Portugal, 2011 - 80 min | M/6

com a presença de José Filipe Costa

LINHA VERMELHA encerra o conjunto de três sessões do Ciclo “25 de Abril, Sempre” dedicadas ao famoso “caso Torre Bela”, em que se incluíram os filmes de Luís Galvão Teles, Vítor Silva e de Thomas Harlan. “Em 1975, a equipa de Thomas Harlan filmou a ocupação da herdade do duque de Lafões, no centro de Portugal. Três décadas e meia depois, LINHA VERMELHA revisita esse filme emblemático do período revolucionário português: de que maneira Harlan interveio nos acontecimentos que parecem desenrolar-se naturalmente frente à câmara? Qual foi o impacto do filme na vida dos ocupantes e na memória sobre esse período?” LINHA VERMELHA resulta de um estudo de caso sobre o filme de Thomas Harlan, mas convoca ainda imagens de outros filmes, como o TORRE

BELA, de Luís Galvão Teles. Prémio para melhor longa-metragem portuguesa no IndieLisboa em 2011.

Ter. [20] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro**NINGUÉM DUAS VEZES**

de Jorge Silva Melo

com Manuela de Freitas, Luís Miguel Cintra, José Mário Branco, Michael König, Glicínia Quartim

Portugal, Alemanha, França, 1984 - 106 min | M/12

Lisboa, 1983, é a segunda das vezes para as personagens deste filme. Da primeira, na mesma cidade, em 1975, sabe-se em elipse. Em oito anos, o país está muito diferente e os dois casais protagonistas de NINGUÉM DUAS VEZES também. Uma mala sem dona no tapete rolante de um aeroporto, Lisboa como não-lugar, depois de ter sido lugar de tudo. “É uma obra atravessada por imensa tristeza, muito mais do que por imensa aflição. É o filme de quando todos – e tudo – foram embora” (João Bénard da Costa).

Qua. [21] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro**MUDAS MUDANÇAS**

de Saguenail

com António Torres, Manuela Silva, Óscar Branco, Elsa Fortes, Luís Monteiro, Laura Perry

Portugal, 1979 - 86 min | M/12

com a presença de Saguenail

Durante um errático passeio pela cidade do Porto, um homem discorre sobre as cenas desconcertantes com que se depara, que correspondem a uma acumulação de fragmentos de contos populares portugueses. Não respondendo às múltiplas interpelações, é confrontando a pergunta: “que fazer, quando tudo se

torna possível?”. Uma abordagem crua e iconoclasta do Portugal pós-revolucionário. O texto, que é atravessado por pontuais e metafóricas reflexões sobre a natureza da imagem cinematográfica (“A imagem é como um líquido, não se deve agitar...”), é integralmente dito em off. “Alegoria de uma revolução recém-desaguada em águas de bacalhau” é também uma crítica ao papel de espectador. Um filme extremamente singular em primeira exibição na Cinemateca.

Qui. [22] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro**O REI DAS BERLENGAS**

de Artur Semedo

com Mário Viegas, Zita Duarte, Santos Manuel, Paula Guedes, Artur Semedo

Portugal, 1978 – 117 min, 1978 - 117 min | M/12

O REI DAS BERLENGAS corresponde à tentativa de criar um burlesco português através de uma sátira que ilustra a história de Portugal desde a Independência até à revolução de abril, referindo-se em particular à descolonização. É durante o processo desta que um tal D. Lucas Telmo de Midões (um muito divertido Mário Viegas) reivindica a independência das ilhas Berlengas. São muitos os que compõem a prole de inesperados convidados, num filme que testemunha o espírito subversivo de Artur Semedo.

Sex. [23] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

OXALÁ

de António-Pedro Vasconcelos com Manuel Baeta Neves, Marta Reynolds, Laura Soveral, Judite Maignre, Lia Gama, Ruy Furtado, Karen Blangueron, Teresa Madruga, Adelaide João
Portugal, 1980 - 133 min | M/12

com a presença de António-Pedro Vasconcelos

Entre 25 de abril de 1974 e outubro de 1978, um jovem exilado em Paris faz várias viagens a Portugal, experiência que o argumento de OXALÁ trabalha através de uma série de retratos femininos. “De OXALÁ dizia-se que era um filme de mediações (‘só se tem acesso ao que se deseja através de mediações’, escreveu Eduardo Prado Coelho). Permita-se-nos deslocarmos ligeiramente a mesma ideia: OXALÁ é o desejo de pôr em imagens uma memória possível do 25 de abril mediado por uma forma cinematográfica alheia” (M.S. Fonseca).

Sex. [23] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

VERDE POR FORA, VERMELHO POR DENTRO

de Ricardo Costa com Rogério Paulo, Adelaide João, Helena Isabel, Armando Venâncio
Portugal, 1980 - 123 min | M/12

com a presença de Ricardo Costa

Ficção produzida num regime independente, como aliás acontece com vários dos filmes de Ricardo Costa, que é também o realizador de CRAVOS DE ABRIL (que mostrámos na primeira parte do Ciclo), VERDE POR FORA, VERMELHO POR DENTRO é um título pouco visto da “filmografia de abril”. Como descreve

José de Matos-Cruz em O Cais do Olhar, “um homem de meia-idade chega a Portugal, acompanhado de duas filhas e uma governanta fiel, a fim de executar o ambicioso projeto duma plantação de bananas que contribuiria, decisivamente, para consolidar a economia nacional, abalada pela revolução de abril. O objetivo falha, ao mesmo tempo que se agrava o conflito latente com as raparigas...”. Primeira exibição na Cinemateca.

Sáb. [24] 15:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

A CULPA

de António Victorino d’Almeida com Sinde Filipe, Mário Viegas, Marília Gama, Estrela Novais, Paula Guedes
Portugal, 1980 - 117 min | M/12

com a presença de António Victorino d’Almeida

Escrito, realizado e produzido por António Victorino d’Almeida, que é também autor da música original do seu filme, A CULPA é um dos primeiros filmes portugueses de ficção, depois do 25 de abril, a fazer da guerra colonial e das suas consequências a sua matéria narrativa. A história segue a personagem de um ex-combatente na Guiné, regressado a Lisboa com os fantasmas das experiências aí vividas. Segundo palavras do próprio realizador: “o filme joga em cores berrantes, numa linguagem berrante, e tudo isso é característico da minha maneira de trabalhar em música. Por isso, o aspecto mais musical do filme não está na música, esta é apenas um estofo, está nele próprio”.

Sáb. [24] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

A CONFEDERAÇÃO – O POVO É QUE FAZ A HISTÓRIA

de Luís Galvão Teles com Margarida Carpinteiro, Carlos Cabral, Ana Zanatti, Artur Semedo, Luís Santos, Constança Navarro, Ricardo Pais
Portugal, 1977 - 108 min | M/12

com a presença de Luís Galvão Teles

Lisboa sitiada e vigiada, numa parábola de “antecipação científica”, que evoca Orwell e ALPHAVILLE, de Godard, na sua descrição de uma sociedade totalitária do futuro. O realizador junta material documental sobre a revolução de abril a elementos de ficção, para inventar uma outra realidade. “Documento de uma época e tentativa de instaurar novos códigos no cinema português”, assim o definiu Frederico Lourenço. Música de Sérgio Godinho, José Mário Branco e Fausto.

Sáb. [24] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

O MEU NOME É...

de Fernando Matos Silva com Rui Mendes, Orlando Ramos, Margarida Gouveia Fernandes
Portugal, 1978 - 124 min | M/12

com a presença de Fernando Matos Silva

O MEU NOME É... integra o que se costuma designar por filmografia portuguesa do 25 de abril, refletindo a situação política e social do país nos anos posteriores à revolução de 1974 e um ânimo explicitamente militante. Produzido pela Cinequipa, O MEU NOME É... parte de um referente documental, as “filmagens das manifestações populares” que se realizavam por todo o país logo a seguir a 1974, propondo-se refletir sobre elas por meio

da ficção e pela rememoração das suas personagens, que recordam a revolução e os acontecimentos subsequentes. Uma primeira tentativa de abordar a revolução, mas também o modo como foram tratadas as suas imagens. As personagens discutem o radicalismo da ação e o alcance de um cinema de intervenção, mas também o poder da imagem e a ordem imposta pelo discurso. O MEU NOME É... termina significativamente com *Grândola* na mesa de montagem.

Seg. [26] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

25 ANOS DEPOIS

de João Matos Silva
Portugal, 2001 - 53 min

AMANHÃS QUE AINDA CANTAM

de João Matos Silva
Portugal, 2005 - 25 min

duração total da sessão: 78 min | M/12

com a presença de João Matos Silva

Dois documentários que regressam a figuras e a histórias que fizeram a revolução, sendo que João Matos Silva, através da sua participação no coletivo da Cinequipa, foi um dos realizadores que mais filmou durante o PREC. Uma sessão que representa os tantos filmes de entrevistas produzidos nos últimos anos, que se revelam como verdadeiros registos de história oral ao documentarem testemunhos de vários dos protagonistas da História. Nestes dois títulos encontramos várias mulheres que tiveram um papel importantíssimo em todo o processo revolucionário, entre elas, Isabel do Carmo, Margarida Coelho, Maria Belo e Manuela Fernanda. As certezas e as dúvidas, as vitórias e as deceções, as conquistas e os retrocessos.

Seg. [26] 22:00 | sala Luís de Pina

ELOGIO AO 1/2

de Pedro Sena Nunes

Portugal, 2005 - 70 min | M/6

Retrato do Bairro 25 de Abril da Meia Praia, Lagos, desenvolvido num plano arquitetónico que se seguiu a 1974 para requalificar urbanisticamente o conjunto de barracas de junco aí existentes para a população de pescadores. Na época, Zeca Afonso dedicou uma canção aos “Índios da Meia-Praia” que António da Cunha Telles, por sua vez, filmou em 1976. A convite da Faro Capital da Cultura 2005, Pedro Sena Nunes filmou ELOGIO AO ½ pretendendo apresentar “uma combinação de três níveis diferenciados: imagem, som e palavras de testemunhos vivos do que foi e do que é viver na Meia Praia”.

Ter. [27] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro**PORTO 1975**

de Filipa César

Portugal, 2010 - 10 min

AS OPERAÇÕES SAAL

de João Dias

Portugal, 2007 - 120 min

*duração total da sessão: 130 minutos | M/12***com a presença de João Dias**

Dois documentários recentes que, vários anos depois, regressam ao trabalho desenvolvido pelo importante programa SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Social, 1974-76). Em PORTO 1975, um longo plano sequência atravessa a Cooperativa das Águas Férreas da Bouça, um complexo de habitação social projetado por Álvaro Siza Vieira e parte integrante do SAAL. Estamos no Porto, em 2010, mas a memória sobre as complexas condições de construção

destas habitações regressa a um passado um passado tumultuoso, o Portugal quente de 1975. AS OPERAÇÕES SAAL é o mais abrangente documento deste período crítico do país e da sua história recente e deste projeto de habitação que envolveu arquitetos e população numa iniciativa única e revolucionária em que a arquitetura portuguesa dava um passo único na sua afirmação dentro e fora de portas. A sessão estabelece a ponte com outros filmes já mostrados na primeira parte do Ciclo que decorreu no mês de abril, que documentavam “a quente” as operações do SAAL. Primeiras exposições na Cinemateca.

Ter. [27] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro**PARAÍSO PERDIDO**

de Alberto Seixas Santos

com Rui Mendes, Maria de Medeiros, Manuela de Freitas, Carlos Daniel

Portugal, 1992 - 90 min | M/12

Dez anos depois de GESTOS & FRAGMENTOS, Seixas Santos voltou a filmar construindo uma ficção sobre personagens desencontradas com a História recente de Portugal como pano de fundo reflexivo. Um professor universitário de meia-idade e uma rapariga com menos trinta anos do que ele partilham uma ligação feita de trocas de confissões e de memórias. A descoberta da loucura como traço comum ao passado de ambos será decisiva para a solidão de cada um deles.

Qua. [28] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro**ANTES DE AMANHÃ**

de Gonçalo Galvão Teles

com Filipe Duarte, Beatriz Batarda, Adriano Luz, Albano Jerónimo e Joaquim Leitão

Portugal, 2007 - 16 min

ÁGUAS MIL

de Ivo M. Ferreira

com Gonçalo Waddington, Adelaide João, Cândido Ferreira, Hugo Tourita, Joana Seixas, Lídia Franco

Portugal, 2009 - 85 min

*duração total da sessão: 101 minutos | M/12***com a presença de Gonçalo Galvão Teles**

Duas ficções muito recentes, de autores de uma nova geração que regressam ao período revolucionário. Gonçalo Galvão Teles realizou ANTES DE AMANHÃ, curta-metragem que acompanha um momento crucial da vida de Mário, fotógrafo que se sente ameaçado e perseguido pela polícia política do antigo regime na madrugada do dia 25 de abril. A banda sonora é da autoria de Bernardo Sassetti. Segunda longa-metragem de ficção de Ivo M. Ferreira, ÁGUAS MIL revisita as memórias portuguesas do período pós-revolucionário centrando-se na personagem de um jovem encenador em crise pessoal, cujo pai desapareceu logo após o 25 de abril de 1974, e num momento em que se sente bloqueado com a peça de teatro político em que está a trabalhar. O filme segue em viagem com a sua personagem em direção à descoberta dos segredos do seu passado familiar que refletem a História portuguesa recente.

Qua. [28] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro**A NOITE SAIU À RUA**

de Abi Feijó

Portugal, 1987 - 4 min

O CRAVO DA LIBERDADE

de Abi Feijó

Portugal, 1996 - 5 min

O BOBO

de José Álvaro Morais

com Fernando Heitor, Paula Guedes, Isabel Ruth, João Guedes

Portugal, 1982 - 120 min

duração total da sessão: 129 minutos | M/12

Baseando-se em desenhos originais de João Abel Manta extraídos do livro *Caricaturas Portuguesas dos Anos de Salazar*, A NOITE SAIU À RUA é um belíssimo filme de Abi Feijó, que significa uma revolução no campo da própria animação portuguesa: “As noites são dias escondidos do outro lado dos nossos desejos. Mas algumas permanecem como sombras flutuantes a deformar as imagens indefesas do quotidiano. Rostos feridos de ausência, figuras hirtas de silêncio, terras salpicadas de sangue... E vamos morrendo adormecidos, indiferentes, até que as manhãs aconteçam.” O CRAVO DA LIBERDADE é um filme de animação evocativo do 25 de abril, realizado pelos alunos da Escola EB 2.3 de Caldas das Taipas. O projeto inicial do filme de José Álvaro Morais, uma adaptação de *O Bobo* de Alexandre Herculano, tornou-se, com o tempo, uma reflexão sobre a obra literária e a sua representação contemporânea. O filme é fascinante porque reflete, na sua construção, a passagem do tempo (acossado por inúmeras dificuldades de produção, o processo de feitura do filme foi longuíssimo) e as transformações da sociedade portuguesa nos anos a seguir ao

25 de abril de 1974. Um filme fundamental na cinematografia portuguesa dos últimos 40 anos.

Qui. [29] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

TRABALHAR A MEMÓRIA DE ABRIL

JUVENTUDE EM MARCHA

de Pedro Costa

com Alberto Barros “Lento”, Antonio Semedo “Nhurro”, Ventura, Vanda Duarte Portugal, França, Suíça, 2006 - 155 min

legendado em português | M/12

Pedro Costa voltou à comunidade do Bairro das Fontainhas, depois de OSSOS e NO QUARTO DA VANDA: “Em JUVENTUDE EM MARCHA, o bairro está já destruído e segue um dos seus residentes, Ventura. É um filme sobre um homem que carrega um passado, um homem com fantasmas. O filme também lida com a relação filial (...). É uma história de fidelidade ao nascimento de um bairro, e Ventura contribui muito para esta história de fidelidade”. Mas Ventura arrasta consigo a memória dos dias da revolução, um aspecto muito presente em SWEET EXORCIST, curta-metragem que integra CENTRO HISTÓRICO, que infelizmente não pode ser programado agora. Fica assim a referência.

Qui. [29] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro

SESSÃO ESPECIAL

CINEMA – ALGUNS CORTES: CENSURA II

de Manuel Mozos

Portugal, 2014 - 60 min | M/6

apresentado por Manuel Mozos e Margarida Sousa

A partir de várias horas de cortes realizados pela Comissão de Censura entre 1948

e 1971 conservados pela Cinemateca, Manuel Mozos assina um segundo filme de montagem através do qual se dá a ver a violência da censura enquanto negação da possibilidade de olhar estas imagens. Se o primeiro dos filmes, CINEMA – ALGUNS CORTES: CENSURA, foi realizado em 1999 por ocasião do 25º aniversário do 25 de abril e tem um carácter mais genérico, o segundo “capítulo” concentra-se em cortes realizados por motivos políticos. Primeira exibição na Cinemateca.

Sex. [30] 19:00 | sala Dr. Félix Ribeiro

TRABALHAR A MEMÓRIA DE ABRIL

25 DE ABRIL, UMA AVENTURA PARA A DEMOKRACYA

de Edgar Pêra

Portugal, 2000 - 17 min

SATURADO

de Tiago Afonso

Portugal, 2009 - 20 min

A CAÇA REVOLUÇÕES

de Margarida Rêgo

Portugal, 2013 - 11 min

duração total da sessão: 48 minutos | M/12

com a presença de Edgar Pêra, Tiago Afonso e

Margarida Rêgo

Três filmes que se apropriam e trabalham arquivos vários do 25 de abril, no sentido da sua reinterpretação à luz do presente. 25 DE ABRIL, UMA AVENTURA PARA A DEMOKRACYA é um documentário experimental no inconfundível estilo de Edgar Pêra, um filme sobre o fim do fascismo e a revolução, visto a partir das ruas e dos rostos das pessoas. Mais do que mostrar o golpe militar, revela a adesão popular ao movimento. Imagens e sons do passado misturam-se com imagens e sons do presente (manifestações de apoio à independência de Timor). Uma produção

do Centro de Documentação 25 de Abril. SATURADO é um tríptico que explora a saturação da cor e é simultaneamente um projeto saturado de referências dispersas ao 25 de Abril, como sejam a proliferação dos sistemas de vigilância, ou as palavras de Camilo Mortágua, quando desabafa que “os portugueses pensaram que a revolução estava feita, logo voltaram para casa”. Uma reflexão sobre a necessidade de transformação, que atravessa vários dos filmes de Tiago Afonso e que aqui passa por estas imagens. A CAÇA REVOLUÇÕES é o mais recente filme da “filmografia de abril” presente neste programa. Tendo tido a sua primeira apresentação pública no IndieLisboa’14, esta curta-metragem de Margarida Rêgo interroga a revolução de abril, que não foi vivida pela realizadora, mas que é convocada a partir de uma fotografia da época.

Sex. [30] 21:30 | sala Dr. Félix Ribeiro



DINA E DJANGO

Programa sujeito a alterações.

Horário da bilheteira:
seg./sáb., 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00
Não há lugares marcados
Bilhetes à venda no próprio dia
Rua Barata Salgueiro 39 em Lisboa
www.cinemateca.pt

FOTO DA CAPA: NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR